

DOSSIÊ PEDAGÓGICO

MAIS ALTO!

de Afonso Cabral, Francisca Cortesão, Inês Sousa, Isabel Minhós Martins e Sérgio Nascimento

Concerto

17 a 28 de setembro 2021

Ao longo da História, sempre sonhámos com as alturas: queremos mais. Queremos chegar mais alto. Não queremos mais isto, mas queremos muito aquilo. Muitas vezes, ao nosso lado, estavam canções a dizer tudo isto. A dizer coisas como: não toleramos mais o racismo. Queremos direitos iguais para homens e mulheres. Bons cuidados de saúde para todos. A preservação das florestas. Salários justos. Horários humanos. Coisas assim, sérias e importantes. Tão altas que não se podem sussurrar. A música pode mudar o mundo? O mundo faz mudar a música? Este vai ser um concerto para celebrar o poder da música. Em viagem, pelo tempo e pelo espaço, para descobrir músicas que nos juntaram e que precisamos de cantar (bem alto!) para nos fazermos ouvir. Estão a ouvir ou é preciso pôr mais alto?

Criação do Espetáculo, Seleção de Músicas Afonso Cabral, Francisca Cortesão, Inês Sousa, Isabel Minhós Martins e Sérgio Nascimento

Textos Isabel Minhós Martins

Intérpretes Francisca Cortesão (voz, guitarras); Afonso Cabral (voz, teclado, baixo); Inês Sousa (voz, teclado, glockenspiel, cavaquinho, percussões); Sérgio Nascimento (voz, bateria e percussões) e Isabel Minhós Martins (comentários)

Famílias

17 e 24 setembro: 18h30

18 e 19, 25 e 26 setembro: 16h30

19 setembro: 11h30

Escolas

23, 24 e 28 setembro: 10h30

Sessão descontraída

19 setembro: 16h30

Sessões com audiodescrição

24 setembro: 10h30

25 setembro: 16h30

Conversa após o espetáculo

26 setembro: 16h30

Classificação etária

M/6

Público alvo

A partir dos 3 anos

Duração

60 min.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

A partir do concerto Mais Alto e dos livros escolhidos pelos artistas, o LU.CA – Teatro Luís de Camões propõe - a professores e educadores - atividades que podem ser desenvolvidas dentro da sala de aula. Esta ficha pedagógica pretende ser uma ferramenta crítica e criativa para desenvolver processos de relação, exploração e apropriação da obra apresentada em palco. Uma vez que o concerto tem um público bastante abrangente no que toca a idade, cada atividade está indicada para um ciclo de ensino.

Caixa de Reivindicações - Para o 1º e 2º ciclos

Use a introdução, a música e as perguntas para iniciar a atividade:

Este é um espetáculo com muitas músicas e, por isso, com muitas histórias dentro. A canção mais antiga é de 1973 e a mais recente de 2010. Mas muitas destas músicas – mesmo as mais antigas - ainda tocam na rádio e há muita gente que as ouve, porque exprimem preocupações, injustiças, raivas e sonhos, projetos e alegrias.

Voltem a ouvir a música:

Primeiro Dia

B Fachada, B Fachada É Pra Meninos, 2010 · letra e música: B Fachada

<https://bfachada.bandcamp.com/track/primeiro-dia-com-francisca-cortes-o>

Relembrem as palavras de Isabel Minhos Martins, durante o concerto, quando apresentava a música *Primeiro Dia*: «Esta música de B Fachada, que é cantada na versão original pela Francisca e pelo próprio B Fachada, fala do primeiro dia de escola, esse dia que dá dores de barriga, um nervoso que não sabemos se é bom ou mau... Entre outras coisas, esta música fala da rotina que a escola nos impõe, das aulas que às vezes não parecem trazer nada de novo ou do imenso tempo que temos de estar sentados, sem nos mexermos.»

Distribua depois papéis por toda a turma e dê indicação para escreverem as reivindicações que têm sobre a escola, mas de forma anónima. Guarde os papéis numa caixa semelhante a uma urna de voto. A partir dessas reivindicações, conversem sobre o que poderia mudar na escola e experimentem listar todas as ideias. Depois, procurem possíveis soluções criativas para estas reivindicações; aproveite e explore o significado de política usando o exemplo da Caixa de Reivindicações:

1. Debater é política? Debater é sempre positivo?
2. Na democracia há espaço para debate. O que é a democracia?
3. Em breve os maiores de 18 anos vão votar para as eleições autárquicas. Que eleições são estas?
4. É nas autarquias que se decidem as coisas mais próximas de nós. Sabem o que é um orçamento participativo? (uma dica: é uma boa ferramenta para resolver alguns problemas que discutiram hoje)

E ainda, um link para aprofundar conhecimento: <https://visao.sapo.pt/visaojunior/noticias/2021-09-20-quem-manda-na-tua-terra/>

Atividade 2 - Para o 3º ciclo e Ensino Secundário

Use a introdução, a música e as perguntas para iniciar a atividade:

Este é um espetáculo com muitas músicas e, por isso, com muitas histórias dentro. A canção mais antiga é de 1973 e a mais recente de 2010. Mas muitas destas músicas – mesmo as mais antigas - ainda tocam na rádio e há muita gente que as ouve, porque exprimem preocupações, injustiças, raivas e sonhos, projetos e alegrias.

Voltem a ouvir a música:

Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades

José Mário Branco, *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades*, 1974 ·

soneto de Luís de Camões/adaptação de José Mário Branco | música: Jean Sommer

https://www.youtube.com/watch?v=0hZ8ygJoCPM&ab_channel=JoseMarioBranco-Topic

Relembrem as palavras de Isabel Minhos Martins, durante o concerto, quando apresentava a música *Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades*: «Na altura em que esta música foi escrita, Portugal vivia em ditadura e José Mário Branco (JMB) teve de fugir do país por ser perseguido pela polícia política. A música tem por base um poema de Luís de Camões. No século XVI, há mais ou menos 500 anos, Camões escreveu este soneto que diz que o tempo tudo faz mudar: as estações, as pessoas, as suas vontades, as ideias. Quando JMB releu as o soneto de Camões achou que elas exprimiam bem aquilo que estava a viver. Entre as palavras de Camões (que não seriam certamente censuradas), JMB introduziu em forma de refrão esta frase:

*E se tudo o mundo é composto de mudança,
Troquemos-lhe as voltas que 'inda o dia é uma criança.»*

Depois, inicie o debate:

1. O que é que José Mário Branco querará dizer com este “troquemos-lhe as voltas”?
2. Será que temos de ser nós a fazer o mundo mudar?
3. A música pode ser uma forma de mudar o mundo?
4. Que problemas te preocupam? Algum deles foi mencionado no concerto *Mais Alto!* ?
5. Que outras músicas conhecem que mudaram o mundo? (mesmo que seja só o vosso)
6. Experimentem criar uma playlist coletiva, com a participação de todos, com músicas que considerem importantes para a história do mundo.

E ainda, um link para aprofundar conhecimento: <https://www.publico.pt/publico-na-escola/artigo/fosses-lider-medidas-tomavas-melhorar-zona-1978366>

Finalmente, as sugestões de Afonso Cabral, Francisca Cortesão, Inês Sousa, Isabel Minhós Martins e Sérgio Nascimento para a Biblioteca do Público, que é onde estão guardados os livros que orbitam os espetáculos apresentados no palco.

COMBIEN DE TERRE FAUT-IL À UN HOMME?, de Annelise Heurtier e Raphael Urwiller, Éditions Thierry Magnier

Este é um livro em língua francesa, mas mesmo que não saibamos francês, vale a pena folheá-lo só para descobrir as suas ilustrações: que são mesmo incríveis. A tradução do título poderá ser qualquer coisa como: De quanta terra precisa um homem? A história é inspirada num conto do escritor Tolstói, um dos gigantes da literatura russa e leva-nos a pensar em ambição, depois em ganância e, finalmente, em loucura.

O livro conta-nos a história de um camponês chamado Pacôme que vive com a mulher e três filhos na região oeste da Sibéria. Não é propriamente rico, mas nada lhe falta. Nem a ele nem à família. Apesar disso, Pacôme põe-se a pensar que se tivesse mais terras, poderia ser mais feliz. Então, seguindo os conselhos de um comerciante de passagem, faz-se à estrada, a caminho da região dos Bashkirs, onde a terra é muito fértil e barata (os Bashkirs existem mesmo e vivem numa região próxima das montanhas dos Urais). Quando chega ao seu destino, o chefe do acampamento propõe a Pacôme um negócio que lhe parece inacreditável: Pacôme pode vir a tornar-se dono de toda a terra por onde caminhar durante esse dia. A única condição é que tem de conseguir regressar ao ponto de partida antes que o sol se ponha. Pacôme põe-se a andar, cada vez mais entusiasmado com as riquezas que vai encontrando. Porém, a sua ambição vai pregar-lhe uma partida. Por tudo querer (tudo, tudo, mesmo tudo), Pacôme não consegue parar de caminhar. E como não consegue parar de caminhar, não consegue regressar a tempo. Quando chega ao acampamento cai, exausto, no chão. E é então que o chefe lhe diz: essa terra que o teu corpo ocupa, essa é a terra que será tua.

Os motores que fazem o mundo funcionar, o modo como a nossa sociedade está hoje organizada e até a forma como somos educados alimentam-se deste tipo de combustível: da sede de ter mais, ganhar mais e, quase sempre, explorar mais para acumular mais riqueza. Algumas das canções deste Mais Alto! também nos podem levar a pensar sobre estes assuntos. Estejam atentos!

A GRANDE QUESTÃO, de Wolf Erlbruch, edição Bruáa

Gostamos muito deste livro! Tem uma ideia muito simples e leva-nos a pensar em coisas complexas, neste caso, no sentido da vida. O livro não nos diz logo diretamente qual é esta “grande questão” de que fala o título mas, à medida que as respostas vão desfilando pelas páginas, começamos a perceber qual é afinal esta pergunta. E a pergunta pode ser qualquer coisa como: “O que é que andamos aqui a fazer, afinal?” ou “O que é que me move nesta vida?” ou “Porque é que gosto tanto de viver?” ou ainda “O que é para mim mais importante?”.

É claro que o que nos move ou aquilo que é para nós mais importante pode mudar, de acordo com a nossa idade ou com a fase da vida que atravessamos. Ou seja, a resposta a esta pergunta pode não ser sempre é igual. Mesmo assim é bom que esta “grande questão” esteja, de quando em quando, presente nas nossas cabeças porque pode funcionar como uma espécie de mapa que nos mostra o caminho. Mesmo quando estamos distraídos, perdidos, mesmo quando não estamos a pensar bem – às vezes acontece – tentar responder a esta pergunta pode ser uma forma de voltarmos a encontrar a direção. Só sabendo a direção podemos então cantar mais alto, com toda a força!

(Convém lembrar que muitas músicas também nos ajudam a cantar melhor os momentos em que nos sentimos sós, perdidos, tristes. Os momentos em que não temos resposta para esta grande questão.)

13 ANOS COM MAFALDA, de Quino, edição D. Quixote

Na verdade, a Mafalda (a personagem) já fez 50 anos. No entanto esta edição comemorativa antiga tinha que estar presente, pois fazia parte das prateleiras de alguns de nós. Além disso, a ideia de uma Mafaldinha adolescente – com 13 anos, a idade celebrada nesta edição – agrada-nos muito. Então: a Mafalda foi criada nos anos 60, na Argentina, por um ilustrador chamado Quino. Podemos dizer que é uma menina fora do comum para a sua idade, mas temos fé de que hoje já se encontrem muitas outras Mafaldinhas por aí, pois o mundo precisa de Mafaldas (e Calvins, claro!).

Para quem não a conhece, a Mafalda é irreverente, inconformada com o estado do mundo, não lhe agrada a China comunista, detesta o fascismo e, por favor, não lhe ponham à frente uma malga de sopa, porque ela simplesmente odeia todo o tipo de caldinhos! A Mafalda faz perguntas difíceis aos pais, questiona a vida de dona de casa da mãe, crítica as rotinas da família, abomina as guerras, a hipocrisia de alguns políticos. Se a convidássemos para escolher uma música para este concerto não temos dúvida de que escolheria uma canção dos Beatles, a sua banda de eleição. E se fizesse parte da plateia, temos a certeza de que se juntaria a todos nós, a cantar a plenos pulmões algumas das canções que aqui vamos ouvir.

OS FIGOS SÃO PARA QUEM PASSA, de João Gomes Abreu e Bernardo P Carvalho, edição Planeta Tangerina

Este livro conta a história de um urso que adora figos. Um dia, ao passar por uma figueira, descobre entre a folhagem um figo ainda verde, mas que promete sumo e sabor. O que faz o urso? Senta-se à espera que o figo amadureça, claro. A partir desse momento, o momento em que se torna guardião do figo, o urso sente-se seu dono e nada o fará distrair do seu objetivo (o objetivo é comer o figo maduro, claro).

É óbvio que, como em todas as boas histórias, também nesta acontecem muitas coisas inesperadas. E é claro que, como em todas as boas histórias, esta lança também perguntas de que não estávamos à espera. Algumas delas são: a quem pertencem os figos afinal? A quem os cultiva? A quem mais gosta de figos? A quem é mais rápido a trepar às figueiras? A quem os guarda dia e noite (como este pobre e esfomeado urso)? A quem tem mais fome? A quem, a quem? Muitas vezes, ao longo da nossa História, as pessoas fizeram perguntas como esta. Em vez de figos, as perguntas falavam de outras coisas (terra, dinheiro, alimentos, etc). O problema da distribuição das coisas — isto é, o problema da distribuição da riqueza — sempre fez parte dos nossos pensamentos e preocupações.

A nossa sede de justiça também tem a ver com figos! Algumas das canções que aqui vamos cantar também falam dessa sede. Adoramos esta história porque tem muito humor e aquela pitada de suspense que nos faz querer virar a página muito depressa.

ERA UMA VEZ (E MUITAS OUTRAS SERÃO), de Johanna Schaible, edição Planeta Tangerina

Este é um livro muito, muito especial. Traz o passado lá dentro (desde o tempo antes dos dinossauros!) e traz também o futuro (em forma de perguntas). Foi criado por uma artista suíça que fez dele uma verdadeira obra de arte, a começar pelo formato que é totalmente fora do comum: tal como o tempo, também o formato estica e encolhe (e não vamos revelar mais, porque é giro descobrirem enquanto folheiam).

Mas o que é que este livro tem a ver com este concerto? Ora, para este concerto escolhemos algumas canções que, ao longo dos tempos, fomos cantando para exprimirmos os nossos projetos, desejos, pedidos, protestos. São canções de ontem, de hoje e de amanhã. Todo esse material que está dentro das canções nasceu nalgum lugar: por um lado, veio de trás, de todo o passado que já partilhamos juntos enquanto Humanidade. Por outro, vem também dessa ideia de futuro que carregamos sempre dentro das nossas cabeças. Talvez consigamos explicar ainda melhor: se isto fosse uma caminhada, podemos dizer que já caminhámos muito todos juntos. Nem sempre correu tudo bem, houve imensas contrariedades pelo caminho, obstáculos terríveis, mas fomos sempre andando, tentando que o mundo fosse um lugar melhor para todos. E, apesar de ainda haver tanto caminho para fazer (ui, tanto, tanto!), queremos acreditar que temos conseguido alguns progressos*.

Então, se isto fosse uma caminhada, estaremos inevitavelmente — ou seja, sem que o controlemos — todos a caminho do futuro. E o caminho que seguimos na direção desse futuro encontra-se também nas canções que cantamos agora. Mais uma pista: se queres saber como será o futuro, está atento às canções mais ouvidas, mais cantadas, mais amadas.

*e em algumas áreas alguns retrocessos, claro.

Bom trabalho e até breve!

P.S: Gostávamos muito de perceber como são utilizadas e como podíamos melhorar o conteúdo destas fichas. Depois contem-nos como correu!

LU.CA Teatro Luís de Camões
Calçada da Ajuda, 80
1300-015 Lisboa
escolas@lucateatroluisdecamoes.pt